

Clamando em voz Uníssona? Frente de Mobilização Popular em Una.

Soanne Cristino Almeida dos Santos¹

1.Contexto de organização da Frente de Mobilização Popular

Em Una, município do interior da Bahia, características de mandonismo, clientelismo, nepotismo e patrimonialismo permearam a administração até o início da década de 60, quando se percebe um jogo de mudanças ideológicas crescendo em meio aos cidadãos Unenses. Reconhece-se que havia ainda uma estrutura de poder de mando baseado em condições agrárias, concentrados na figura de Manuel Pereira de Almeida², grande proprietário de terras, principal representante da aliança sanguínea e política da família Almeida-Fuchs, que se constituiu num poderoso elemento para o predomínio social de grandes proprietários ligados a ela.

A comunidade Unense vivia as determinações de Manuel Almeida. A estrutura política e social oportunizará a ele manter influência sobre o dia - a - dia dos homens. No campo da justiça indicava os juízes de paz que eram incumbidos de conciliar às brigas, processar e julgar cobranças, e praticar outros atos civis ou criminais de sua alçada, inclusive a realização de casamentos, os quais somente aconteciam mediante sua aceitação. Manuel Almeida era tido como o elemento regulador das normas sociais.

Em Una, as estradas eram ruins, demoravam-se horas para chegar aos municípios vizinhos a cavalo. Não existia jornal de circulação local, as cartas, encomendas e notícias demoravam dias para chegar. Estas condições favoreceram a Manuel Almeida e correligionários a controlar durante anos os negócios nas áreas da economia e da política. Suas ações e discursos eram legitimados pelas condições de sobrevivência da popu-

¹ Mestranda do programa de pós-graduação em História Regional e local da Universidade do Estado da Bahia – campus V. soannecristina@gmail.com

² Manuel Pereira de Almeida chegou a Una em 1905, casou-se com as irmãs Adalice Fuchs de Almeida e depois Alice Fuchs de Almeida herdando a maior parte dos bens da família de David Fuchs, á qual esteve a posse de terras em Una desde 1890. Tornou-se o primeiro prefeito do município e durante seis décadas manteve influência política.“A adoção e o casamento criam laços jurídicos tão fortes quanto os da consangüinidade genética. A consangüinidade é nas sociedades humanas, uma relação social estabelecida e aceita como sendo característica dos sistemas de parentesco, que possui uma certa autonomia, das leis naturais da espécie. A reprodução dos homens seria, em última instância, um meio de reprodução social.(RIBEIRO, 2001, p.20 e 26).

lação. Conforme esclarece Bourdieu: “O teor de cada discurso político resulta de condições objetivas e subjetivas específicas³.”

O período da hegemonia desta família no exercício do governo municipal é representado por muitos Unenses, como um momento de estabilidade e desenvolvimento. A produção agrícola era alta, exportava-se uma diversidade de produtos, principalmente o cacau e seringa, mas a riqueza era concentrada. Mesmo assim, a representação as quais muitas pessoas ainda têm, é de legitimação da política adotada pela família Almeida-Fuchs. Os mitos criados em torno deles, produz um imaginário social, um sistema de representações que simultaneamente traduz a ordem, e instala “guardiões” do sistema de representações e símbolos⁴. A política de documentação do Arquivo Municipal de Una (AMU) e o Arquivo da Câmara de Una (ACU) reforçam a imagem de um único agente responsável pelo desenvolvimento da cidade, através da proteção dos arquivos que retratam a vida dos familiares e correligionários da família, menosprezando outros tipos de documentos, por exemplo, os que mostravam o florescimento de um poder político paralelo, e contrário a ideologia da família Almeida-Fuchs.

2. Estrutura político-partidária em Una

O fato de controlar os partidos políticos no município permitiu o controle da política a família Almeida -Fuchs por muito tempo. Os dois únicos partidos estavam sobre o controle deles, ou seja, os partidos políticos eram encabeçados por membros da família, para que as eleições não saíssem de sua dominação, percebe-se isto, quando em 1955 Armil Almeida, filho de Manuel Almeida, foi líder da União Democrática Nacional-UDN, e já em 1963 passou a ser líder do Partido Trabalhista Brasileiro-PTB. No cenário político nacional, a UDN participou das eleições majoritárias até 1965, e tinha como principal adversário o PTB. Na Bahia, Lomanto Júnior organizou uma campanha onde agrupou a UDN e o PTB. Em Una, os representantes destes partidos viviam num

³ BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.p.33

⁴ BACZKO, Bronislaw. *Imaginação social*. In: ROMANO, Ruggiero (Dir.). *Enciclopédia Einaudi v.5 (Anthropos-Homem)*. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1985. P.299

clima de cumplicidade. Para Muniz Ferreira esta aliança a nível nacional era inconciliável⁵.

A UDN expressava os interesses dos proprietários de terras e da indústria aliada ao capital estrangeiro. Pela origem social dos seus membros não havia, igualmente, uma especial identificação do partido com os setores médios, ela, tinha como representantes no congresso muitos proprietários de terras. Já o PTB, tinha político com tendência a buscar reformas sociais, não foi o caso dos projetos deste grupo em Una. Para a maioria dos membros de um partido político como acabamos de ver, a base doutrinária da ideologia não é algo evidente. Na maior parte dos casos é sob a forma de uma cultura política difusa que a ideologia se impõe aos membros de uma formação.

Este jogo partidário, Dr. Almeida conseguiu fazer, até 1962, quando é surpreendido pela chegada de um novo partido, o Partido Democrata Cristão - PDC, tendo como presidente Liberalino Barbosa Souto, que é considerado por Rosilane Maciel, como “o divisor de águas na política de Una⁶”. Souto, vereador pela UDN em 1959, foi para Una a convite de Manoel Almeida, sendo nomeado logo presidente do cartório civil, e representando-o no distrito. Souto detinha grande prestígio, quando percebeu o anseio da população de Arataca em emancipar-se politicamente do município de Una. Alguém tinha que representá-los. Ele, mesmo estando na coligação da família Almeida-Fuchs e já percebendo o enfraquecimento político e econômico dela, redigiu a solicitação de emancipação para a câmara, a qual não foi aprovada. Mas, com isso adquiriu apoio para a candidatura á prefeito de Una. Importante apoio, já que 50% dos eleitores eram localizados no distrito de Arataca, o maior de Una.

A organização do PDC levou a população a perceber a possibilidade de formar uma nova chapa para a campanha eleitoral. A partir do momento em que Arataca convive com o desejo da emancipação, mais nomes de candidatos a vereadores começam a surgir no distrito. A busca pela defesa da autonomia tornou-se intensa. A produção de ca-

⁵ FERREIRA, Muniz. *O golpe de estado de 1964 na Bahia*. CLIO: Revista de Pesquisa Histórica nº 22, Recife: editora Universitária da UFPE, 2004.p.85.

⁶ SILVA, Rosilane Maciel. *O coronel Manuel Pereira de Almeida e a formação do município de Una*. Ilhéus: UESC, 2001. TCC em História, 45f.p.35

cau e seringa se alargavam na área, mas a sede da empresa *polycultora*⁷ continuava no centro de Una. Além disto, chegava à região estrangeiros como os Japoneses e Belgas que passaram a adquirir terras, plantando e comercializando. Empresários das cidades vizinhas compravam áreas de grande produção, a empresa *polycultora* perdia espaço de venda. Havia assim, um ambiente propício para o surgimento do partido, que não nasce fortuitamente da decisão de seus criadores, mas de uma crise⁸.

Os espaços de poder começam a se dividir. Manuel Almeida, principal representante da política empreendida no município durante as décadas passadas, passava a maior parte de seu tempo em viagens a Salvador, para tratar de sua saúde, já se encontrava em estado debilitado. Seus filhos Armil Almeida e Acyr Almeida e correligionários legaram sua influência política, mas não conseguiram manter de forma parecida a hegemonia de antes. O PTB e a UDN, partidos que pertenciam ao grupo discordavam em relação ao nome do próximo candidato a prefeito. O distrito de Arataca já tinha declarado seu apoio a Libberalino Souto, e percebia-se que mesmo na sede da cidade era o nome mais comentado. Pois, representava para a população o fim do monopólio político da família Almeida-Fuchs. Mas, suas propostas tinham o mesmo cunho do adversário Antônio Andrade, fazendeiro em Arataca e apoiado pelo PTB e UDN, existia uma relação de compadrio entre os partidos, mas mesmo desta forma, representava a oportunidade de mudanças, pois sugeria uma política com relações diferenciadas.

Libberalino foi eleito pelo PDC, assumindo a prefeitura em 07 de Abril de 1963, tendo uma heterogeneidade de apoio. Fazendeiros, trabalhadores e funcionários do Banco da Bahia, Coletoria Estadual, Correios etc.. Conseguiu agrupar pessoas recém-chegadas a Una, as quais detinham influência em razão de suas funções fazendo parte de sua campanha e mais tarde integrando da Frente de Mobilização Popular, grupo em que as idéias que eram discutidas influenciaram durante sua gestão.

3. A formação da FMP

Mentira a liberdade de opinião; mentira o direito de voto (não o tem o analfabeto); mentira o sistema representativo; mentira a igualdade perante a lei; mentira a inexistência de privilégios; mentira que os postos de administração sejam acessí-

⁷ A empresa *Polycultora*, era de propriedade da família Almeida-Fuchs e controlava a produção e exportação dos produtos agrícolas.

⁸ Id. Ibid. p.68.

veis a todos os brasileiros. (Discurso proferido pela voz da frente em Una-25 de agosto de 1963).

A política de formação de *frente*, foi uma metodologia discutida no IV congresso da Internacional Comunista, o qual foi aberto por Leon Trotski em 1921, cujo objetivo era utilizar a tática de Frente Única, que se concretizava na luta pelos interesses imediatos do proletariado por meio de uma ação comum, particularmente com a social-democracia.⁹ O VII congresso se referia as estratégias de construção de Frentes Populares; os comunistas lutariam pelas constituições de Frentes com caráter antifascistas e antiimperialistas, pois era o momento das alianças para que a política da União Soviética não viesse a desmoronar¹⁰. Portanto aglutinar forças e formar a política de frentes, a união de partidos e grupos sempre foi uma tática, para que um sistema autoritário não viesse a controlar a sociedade.

Em vários momentos da história do Brasil, grupos que respeitam o marxismo, desenvolveu políticas de frente. Em 1958 , por exemplo, foi formado a Frente Parlamentar nacional- FPN, cujo presidente foi Sergio Magalhães, agrupava políticos de vários partidos, a maioria do PTB, defendendo ideais nacionalistas e combatendo o capital estrangeiro; através deles diversas propostas anti-nacionalistas foram barradas na câmara¹¹. As frentes diferiam muitas vezes apenas em termos metodológicos.

Em 1963 foi formada a Frente de Mobilização Popular Nacional, cujo presidente era Leonel Brizola. Vários grupos e partidos considerados de esquerda compuseram esta frente, que tinha como principal objetivo a realização das reformas de base, e o desenvolvimento de um governo nacionalista e popular¹². Através da rádio Mayrink Veiga na chamada “rede de esclarecimento”, esta frente convocava a todos os estados e municípios, para organizar núcleos para desenvolver uma Frente de Mobilização Popular que obedeceria os princípios nacionais , mas que também formaria a partir das necessidades internas, princípios peculiares. Segue em anexo Carta de Princípios do núcleo de Una.

⁹ KAREPOVS, Dainis. MARQUES NETO, José Castilho. Os trotskistas brasileiros e suas organizações políticas. In: RIDENTI, Marcelo. AARÃO REIS. Daniel. Org. *História do Marxismo no Brasil: partidos e organizações dos anos 1920 aos 1960*. SP: Campinas, editora da UNICAMP, 2007. p.112.

¹⁰ Id. Ibid. p.116.

¹¹ GOMES, Angela de Castro. FERREIRA, Jorge. *Jango: as múltiplas faces*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.p.68

¹² Id. Ibid. p.140.

Desta forma, deu-se a organização da Frente de Mobilização Popular de Una, cujo desenvolvimento se deve a uma série de fatores que estavam mudando o curso dos acontecimentos políticos e econômicos na cidade. Como disse Heller, “na prática da vida cotidiana se instalam as condições de transformação do impossível em possível, e só quem tem necessidades radicais pode querer e fazer a transformação da vida.”¹³.

Nos pequenos atos do cotidiano a população de Una buscou resistir à política que outrora acontecia em Una, onde poucos tinham acesso à administração política. Ao eleger Liberalino Souto que significava naquele momento o rompimento de uma política tradicional no município, a população mostrou, que o povo não é apenas consumidor, pois sempre realiza uma produção, que está na maneira de usar os produtos e os espaços dominantes¹⁴. Por exemplo, o rádio que antes servia apenas para ouvir as novelas, tornou-se um meio pelo qual a FMP de Una, discutia questões políticas nacionais e locais. Todas as noites os componentes da FMP discursavam e deixavam mensagens de esperança para que as sonhadas reformas de base acontecessem. A apropriação do rádio revela as “artes de fazer”, a capacidade das pessoas em dar novos significados, fazendo novos usos de instrumentos antigos. O rádio passou a ser naquele momento instrumento de politização popular¹⁵.

O Jornal “O democrata”, foi o meio de propagação das idéias da FMP. Criado dois meses antes da organização da frente, os futuros componentes desta organização já mostravam suas propostas e indignações antes mesmo da constituição formal do grupo. O Jornal teve sete exemplares, primeiro saiu na posse de Liberalino Souto, a partir do terceiro exemplar as notícias eram sobre as tomadas de decisões da FMP nacional e de Una, e sobre o andamento das propostas de reforma de base.

O diretor do periódico mensal era Victor Paes de Barros Leonardi, e redator José Carlos da Silva. Os colunistas eram todos componentes da FMP Unense. A Frente precisava de legitimidade, pois a supremacia de um discurso político, bem como a sua legitimidade, depende do seu poder simbólico de mobilização de adeptos¹⁶.

¹³ HELLER, Agnes. *O cotidiano e a História*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

¹⁴ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994

¹⁵ Conhecer o conceito de “artes de fazer” de Michel de Certeau.

¹⁶ BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.p.175.

A FMP buscou diversos outros meios de divulgar e discutir as propostas do grupo, uma delas foi a fundação da escola chamada João XXIII¹⁷, a educação era direcionada para jovens e adultos, e as aulas noturnas. Foi formada também a escola para formação de seringueiros, onde se ensinava a ler e escrever, além das aulas práticas de técnicas agrícolas, sob a orientação de Djalma Bahia, engenheiro agrícola e também membro da FMP.

Em agosto de 1963, a FMP nacional, enviou um telegrama a FMP de Una, reconhecendo e incentivando as atividades do grupo no município. Três outros telegramas de felicitações também foram recebidos, assinados por Miguel Arraes(governador de Pernambuco), Evandro Lins e Silva(Ministro das Relações exteriores) e Oliveira Brito(Ministro de Minas e Energia). Segue telegramas em anexo.

Depois destes reconhecimentos, parte dos setores conservadores passaram a enxergar a FMP, como grupo de “comunistas bagunceiros”, e uma atitude estranha a política até então empreendida por Liberalino Souto, foi tomada. Ele mandou fechar a “Voz da Frente”, durante uma manifestação a favor das reformas no Brasil e em Una. Mesmo depois do decreto 2/63 em que ele isentava a população de todos os impostos municipais pelo prazo de cinco anos, e a desapropriava cinco lotes de terras no distrito de Pedras de Una.

Liberalino Souto, prefeito que acatou algumas decisões do grupo, demonstrou desta forma, o incomodo que sofria com atitudes da FMP, mesmo sendo apoiado por vários membros do grupo.

Nas atas da câmara observam-se constantemente nos discursos dos vereadores Armil Almeida-PTB e Carlos dias-UDN, as indignações ao suposto apoio dado pelo prefeito ao grupo de “baderneiros” da FMP. A frente continuou suas atividades até março de 1964, quando houve o desfecho do golpe civil-militar no Brasil, com forte repressão aos grupos considerados de esquerda; os jornais noticiavam a prisão dos grupos de “comu-

¹⁷ João XXIII considerado papa de transição (1958-1962), convocou o concílio vaticano em 1962, para explicar os dogmas católicos ao mundo, e promoveu uma reestruturação da igreja católica, chamando atenção para os problemas sociais do mundo.

nistas”, ou pessoas ligadas às atividades de Leonel Brizola e do grupo dos onze¹⁸. Desta forma, alguns documentos da frente foram queimados e atividades pararam. Um ano e meio depois de estabelecido a ditadura civil-militar no Brasil, figuras de tradição política tradicional, tentam afastar Liberalino Souto de suas atividades, numa tentativa de retornar a exercer a hegemonia política monopolizadora da família Almeida-Fuchs.

- **4. Afastamento de Libberalino: tentativa de golpe?**

Quando Libberalino Souto assumiu o executivo no município de Una. O jogo político começou a inverter-se. A presidência da câmara foi ocupada por Edgar Coelho, e não por um membro da família Almeida. Alguns dos projetos de Armil Fuchs não passaram na câmara, como o projeto de dar abono de emergência a todos os funcionários da prefeitura.

Desde quando começou o mandato, houve serias divergências entre os membros do legislativo, eram eles: Edgar Teixeira coelho-Presidente, João Gonçalves de Queiroz, Armil Almeida, Carlos de Almeida Dias, Olimpio Guilherme Martins, Benedito Sá Souto (filho de Libberalino), João Barbosa dos Santos, Acácio Índio e João Barreto Mota¹⁹.

Os vereadores que não apoiavam a administração enviavam constantes notas aos jornais denunciando práticas de improbidade administrativa da gestão de Libberalino Souto, isto causava discussões no plenário da câmara. Na ata da primeira sessão ordinária, do segundo período legislativo realizada em 29 de outubro de 1965, se deu o momento crucial de analisar mudanças e permanências no município de Una. Acácio Índio pediu a renúncia do seu cargo de vereador e seu pedido foi rejeitado pela maioria na câmara. Não sendo atendidas as suas solicitações, ele em 03 de dezembro traz ao plenário, o juiz e advogados seus para deliberar o pedido de renúncia, ficando esta solicitação

¹⁸ Grupo de resistência contra a ditadura militar, organizado por Leonel Brizola em diversas áreas do Brasil. Ver sobre o assunto em: SZATKOSKI, Elenice. *O grupo dos onze: uma insurreição reprimida*. RGS: Passo fundo: UPF Editora, 2003.

¹⁹ Depois de 1963, houve algumas alterações na Câmara. Jaime Pereira de Santana, que substituiu Edgar Teixeira Coelho, morto em 9 de dezembro de 1965, e Djalma Bahia sucedendo a João Barbosa dos Santos, e depois a Acácio índio.

atendida nesta data. Justificou o pedido de renúncia alegando que não desenvolveria seu trabalho em meio aquela bagunça administrativa²⁰.

Afloraram-se as discussões em torno das manchetes de jornais publicadas no Diário da Tarde. Durante o mês de novembro de 1965 diversas cartas foram enviadas ao governo denunciando a administração municipal.

Diante destes fatos, os adversários políticos de Libberalino que se encontravam na Câmara Municipal, aproveitou que Edgar Coelho encontrava-se doente e afastado dos serviços da câmara, e assumiu a presidência, Armil Fuchs de Almeida, que no dia quatro de dezembro, juntamente com Carlos de Almeida Dias e Olimpio Guilherme Martins, solicitam o afastamento do prefeito pelo prazo de 120 dias, baseados no ato institucional N° 2²¹, decretado pelo governo do presidente Humberto de Alencar Castelo Branco. Esse afastamento seria para a implantação de uma junta apuradora revolucionária, que seria enviada pelo Governo Federal. Nesta sessão estavam presentes apenas cinco vereadores, contando com Acácio Índio que mesmo tendo renunciado no dia anterior, fez parte da votação. Benedito Sá Souto, não se encontrava. Este foi o momento escolhido pelos vereadores, que queriam nas palavras de João Queiroz, presidente do PDC na Câmara, “dar um golpe na democracia brasileira retomando a política coronelística empreendida pela família Almeida durante décadas”.

Aceito o pedido de Impeachment, foram enviadas comunicações para a promotoria pública, que imediatamente saiu em viagem a Ilhéus para informar ao Juiz substituto o fato ocorrido, para que fossem tomadas as providências devidas. O tenente João Antonio dos Santos saiu da cidade para avisar a Secretaria de Segurança Pública (SSP) do estado e chamar um batalhão, o povo se amontoava em torno da Câmara Municipal, pois foi instaurada sessão permanente, por 24 horas, até que fosse resolvido o caso. Libberalino quando recebeu o comunicado, disse que teria direito a dez dias para passar a prefeitura se fosse o caso. Antes de chegar às decisões da justiça, o Sr. Carlos Dias instituiu-se presidente da câmara e deu posse de governo a Armil fuchs.

²⁰ Discurso na ata da câmara municipal de Una em 03 de dezembro de 1965.

²¹ O ato institucional número dois, criado em 27 de outubro de 1965, baseado no art° 23°, constitui crime de responsabilidade contra a probidade administrativa, a aplicação irregular pelos prefeitos, cabendo a iniciativa da ação penal ao ministério público ou um terço dos membros da câmara municipal.

Solicitaram as chaves da prefeitura, como não foi concedida, a câmara representada pelos cinco vereadores, votou a favor do arrombamento do prédio. Enquanto isso, Libberalino Barbosa Souto governava também em sua casa. Levou consigo alguns funcionários, e tomava decisões. Neste momento, o município teve durante uma semana dois governos.

Eram onze vereadores, no entanto como Acácio índio, filho de Dr. Almeida havia renunciado no início de novembro sua assinatura não valeria no pedido. Desta forma Libberalino foi reintegrado na prefeitura por ato do major Américo Ventura, Delegado regional. Os vereadores Armil Almeida e Carlos Dias contra atacaram dizendo que a Câmara não teria aceitado a renúncia de Acácio, mas o tribunal entendeu que a renúncia era uma condição irreversível, assim assumiu a vaga na Câmara no lugar de Acácio, um cidadão de Arataca e correligionário de Libberalino. E pela primeira vez na história de Una a família Almeida perderia maioria no legislativo.

A câmara esteve em sessão permanente do dia quatro a seis de dezembro, até que viesse a resposta do Governo Estadual ou Federal. Libberalino como fazia parte da UPB (União dos Prefeitos da Bahia), amigo de infância de Lomanto Júnior atual governador do estado, solicitou ao governo estadual que resolvesse a questão. No dia nove de dezembro chega a Una as forças do exército da Bahia para reempossar Libberalino, com a decisão judicial, alegando que era ilegal aquele ato em virtude da votação na câmara ter contado com o voto de Acácio índio que já havia renunciado. Liberalino foi reempossado.

Sendo Liberalino afastado da prefeitura, por seis dias de forma ilegal, sem reivindicações ou protestos popular, o fato não pode se constituir em Impeachment, conforme foi anunciado pelo Jornal Diário da Tarde em oito de dezembro de 1965. Uma tentativa de golpe foi um provável acontecimento, já que, havia o interesse de Armil Almeida assumir a função executiva, cargo que ocupara antes por duas vezes.

A partir deste momento percebemos o declínio político da família Almeida-Fuchs e a ascensão de um novo grupo político. A tentativa frustrada de Armil Almeida significou o fim de uma política com características de mandonismo, pois esta seria a última vez em que um membro da família Almeida-Fuchs teria sido eleito, significou também a articulação de um grupo, que fez permanecer antigas práticas, tais como : a

eleição da maioria na câmara de correligionários e parentes e a repressão a pessoas com ideologias que reivindicavam melhoria de vida para os trabalhadores. O clima do golpe Civil-Militar no Brasil colaborou para o restabelecimento do clima de repressão na cidade.